



Boletim do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional - Versão em Português

Declaração do Comitê de Enlace pela reconstrução da IV Internacional (CE) Intervenção imperialista possibilita a derrubada do governo Kadafi

*Toneladas de bombas e milhares de mortos sob a ação criminosa da Otan
em nome da paz, da liberdade e da democracia*

As informações são de que as forças opositoras tomaram conta da última trincheira de Kadafi. Trípoli foi cercada e rapidamente invadida, sem que o governo fosse capaz de resistir militar e politicamente. A população não saiu em defesa do regime. As notícias foram que partidários da oposição, que se armou desde o levante de Benghazi, transformaram a Praça Verde em local de manifestação de apoio à derrubada da ditadura de Kadafi. A tentativa do governo de abrir os arsenais, segundo informações, fracassou. Trípoli não se mostrou disposta a se levantar contra as forças ocupantes que se arremesaram em último assalto para derrubar o governo.

Embora não se tenha, nesse segundo dia de avanço sobre Trípoli, a confirmação do paradeiro de Kadafi e das possibilidades de resistência de seus partidários, tudo indica que o regime chegou ao fim.

A vitória do levante, que teve início em fevereiro, somente se tornou possível com a intervenção do imperialismo. A guerra civil demonstrou a incapacidade militar da oposição do Leste. Já estava acuada em Benghazi e praticamente esmagada quando os aviões da coligação Estados Unidos, França e Inglaterra começaram os bombardeios.

O exército líbio não teve como esboçar qualquer reação diante da máquina de guerra do imperialismo, que, por um acordo entre as potências, passou para a responsabilidade da Otan. Os bombardeios destruíram a capacidade ofensiva de Kadafi. As Forças Armadas aniquiladas foram perdendo, conseqüentemente, a capacidade defensiva.

Os avanços e recuos dos opositores nesses quase seis meses de confrontos permitiram ao imperialismo impor



As forças rebeldes foram armadas pelo imperialismo para derrotar Kadafi

suas condições. Os aviões inatacáveis destruíam as linhas de defesa do regime e aterrorizariam Trípoli com seus bombardeios, mas as forças opositoras deveriam seguir os ditames dos Estados Unidos e seus aliados.

Econômico e financeiramente, o Estado líbio foi sufocado. Impôs-se o completo isolamento do País. Armas, treinamentos militares e recursos chegaram às mãos do Conselho Nacional de Transição (CNT). Uma vez evidenciado que os insurretos não contavam com o levante generalizado das massas líbias, principalmente na capital, e que não obtiveram potencialidade militar, a ação do imperialismo foi a de destruir paulatinamente o poderio de Kadafi.

Os bombardeios e a impotência das Forças Armadas líbias minaram moral e politicamente o regime. A ameaça de armar a população nas cidades controladas pelo governo para resistir ao avanço das forças apoiadas pelo imperialismo não passou de gesto teatral. O ditador alimentou a ilusão em uma saída negociada com as potên-

cias. Momento em que evidenciou sua fraqueza e anunciou sua inevitável queda.

O destino de Kadafi se concentrou nas mãos dos Estados Unidos e aliados. Por sua vez, o destino da oposição não foi distinto. A derrocada do regime despótico, portanto, não está se dando por obra das massas oprimidas, que, como no caso de Trípoli, permaneceram à margem. É preciso ter claro que o levante da semana de 16/2 a 23/2 em Benghazi expressou a latente revolta popular contra a ditadura da família e do clã de Muamar Kadafi. Ao não se generalizar por todo o País, impossibilitou que a guerra civil aberta no Leste se desenvolvesse no Oeste.

A revolução de cunho democrático-burguês não teve como avançar e triunfar baseada em uma insurreição popular. O isolamento de Benghazi pelo governo indicou que as condições sociais e políticas não estavam amadurecidas para a derrubada da ditadura pela força das massas. Sem a intervenção do imperialismo, a probabilidade era de uma vitória momentânea do ditador. Os insurretos armados chegaram a anunciar a intenção de organizar-se na forma de guerrilha. Tudo indicava que o esmagamento da insurgência de Benghazi, quase um mês depois de sua eclosão, não evitaria o declínio da ditadura, que não mais contava com o apoio generalizado da população e que por sua política de aproximação com as potências e que pela visível corrupção já não podia oferecer ao País senão o saque imperialista das riquezas petrolíferas e a pobreza aos explorados.

O problema fundamental está em que o levante de Banghazi não esteve sob uma direção revolucionária, portanto, proletária. Os componentes burgueses e, sobretudo, pequeno-burgueses sequer tinham um programa democrático radical, que como tal não se voltaria tão somente contra o regime despótico mas também contra a sua política pró-imperialista. O Kadafi nacionalista e populista era fenômeno do passado. Sua ditadura se encontrava completamente divorciada dos líbios e voltada aos interesses exclusivos de camarilhas. Assim, tornara-se um instrumento das potências, interessadas no petróleo. Sem a direção revolucionária, cujos fundamentos são o marxismo-leninismo-trotskismo, a direção pequeno-burguesa estava fadada a capitular diante das ofertas do imperialismo.

É imprescindível que se diga que o CNT se constituiu como um canal da política da ONU e intervenção militar das potências. Ao invés de recorrer à guerrilha e assumir a derrota momentânea com a queda de Benghazi, agarrou-se ao intervencionismo imperialista. Está aí por que não se pode afirmar que o regime de Kadafi está prestes a ser liquidado pelas forças da insurreição Líbia. Absolutamente, não! Sarkozy é quem, lá da França, exige a rendição de Kadafi. Obama é quem reconhece o CNT. Os líderes da oposição não fazem senão cumprir as diretrizes dos governos das potências.



Rebeldes comemoram tomada de Trípoli: Líbia será manejada pelo imperialismo

O imperialismo passou a ter o controle das forças rebeldes desde o momento em que edificaram o CNT como núcleo do futuro governo e utilizou seu poderio militar e econômico para desmoronar o governo de Kadafi.

Um dos fundamentos essenciais da revolução é garantir a autodeterminação da nação oprimida. O que não ocorreu e não ocorre. Kadafi, por sua vez, não pôde levantar a bandeira da autodeterminação da Líbia e ganhar as massas para a resistência antiimperialista porque já não expressava os interesses nacionais e porque já havia demonstrado fartamente seu conluio com governos das potências e com as multinacionais.

As correntes de esquerda que festejam a derrocada de Kadafi, em nome de uma revolução democrática e popular, falseiam o papel fundamental da intervenção imperialista. Os nacionalistas e estalinistas que reclamam da ação prepotente da Otan, sem mostrar que o regime de Kadafi servia ao imperialismo, não fazem senão defender a ditadura decadente.

A defesa da autodeterminação da Líbia não tem como conteúdo a sustentação da ditadura pró-imperialista que caiu em desgraça. Ao contrário, tem por conteúdo a luta antiimperialista das massas oprimidas para não somente se livrar do regime despótico como estabelecer um governo das massas oprimidas, portanto, um governo operário e camponês que expresse a ditadura do proletariado contra a oligarquia Líbia e o imperialismo.

Os marxistas internacionalistas estão obrigados a condenar a derrubada do governo Kadafi por meio da intervenção imperialista. E rechaçar a colaboração das forças opositoras com as potências colonialistas. A intervenção imperialista é uma característica da fase atual de crise profunda do capitalismo que afeta as grandes potências. Era e é evidente que a guerra não teve um fim humanitário, mas objetivou e objetiva dar às potências poderes sobre os recursos petrolíferos da Líbia. Sob a tutela do imperialismo, não haverá nem democracia, nem liberdade - o imperialismo deve ser expulso!

**Fora o imperialismo da Líbia!
Pela autodeterminação da nação oprimida!**

Escreva para Caixa Postal 01171 - CEP 01059-970 - São Paulo - SP - www.pormassas.org